

# Apresentação

Minha opção pessoal de vida é conviver em espaços nos quais se partilhem ações que aspiram ao pedagógico. Espaços fecundados pela inquietude provocada pela partilha de saberes e experiências, o que nos impulsiona à investigação incessante, oportunizando a criação de inteligibilidades acerca da vida humana.

Coerente com a crença de que o diálogo entre as distintas culturas é o imperativo de nosso tempo, afirmo que a educação para a convivência é a grande exigência que se impõe à nossa prática educacional.

Começamos a re-conhecer as diversas culturas, valorando suas diferenças, e a entender que a riqueza humana está na diversidade de rostos, de idiomas, de manifestações, partilhada em uma convivência harmoniosa. Convivência que deve ser melhorada permanentemente.

A força cultural que emana de nosso povo e que o modelo hegemônico, sustentado por uma idéia errônea de superioridade cultural, não conseguiu apagar mantém viva nossa esperança na possibilidade de uma nova ação pedagógica para a convivência, para a interculturalidade. Esperança que se afirma pelos gestos concretos que começam a ser vislumbrados em nosso entorno; nas palavras pronunciadas em nosso meio acadêmico; na resposta às convocações com vistas a contribuir para a elaboração epistemológica da educação a partir do contexto da interculturalidade. Crença advinda da acolhida, sempre renovada na partilha, no debate e estudo da questão da interculturalidade, com a finalidade de produzirem-se sínteses que contribuam para um pensar a especificidade da situação brasileira e latino-americana. Contexto que nos conduz ao levantamento de questões,

como: o que significa ensinar aceitando processos de formação distintos... que filosofia norteia nosso ideal de formação... por qual caminho oriento minha ação... conservo o estabelecido ou busco uma educação que permita e estimule as pessoas a fazerem sua própria vida...

O Brasil, bem como toda a América, foi e continua sendo constituído, fundamentalmente, pela presença do migrante. Logo, a “educação não deveria ser um instrumento para aprender a interpretar aos demais, senão teria que ser uma escola de tradutores, na qual nos traduzimos mutuamente”.<sup>1</sup> Tradução vista como um procedimento que incide tanto sobre os saberes como sobre as práticas. Uma forma hermenêutica que consiste em um trabalho de interpretação entre as culturas com o objetivo de identificar os procedimentos similares entre elas bem como as diferentes respostas que proporcionam, com vistas a possibilitar o conhecimento das diferentes visões de mundo, condição para a convivência.<sup>2</sup>

Para atender a essa perspectiva, qual seja uma educação embasada na proposta da interculturalidade, necessário se torna sejam revisadas as políticas educativas propostas pelos sistemas de ensino, uma vez que são estruturadas como se fôssemos um povo homogêneo. As práticas educacionais, com raras e felizes exceções, são orientadas para uma vida uniforme que ignora a diversidade das memórias históricas de nossa população. Urge que se rompa a pedagogia da uniformidade, a fim de que a valorização da diversidade de nosso povo encontre oportunidade de articular, com suas próprias palavras e crenças, seu modo de ser e de viver. Nessa perspectiva, nenhuma cultura, nenhuma forma de saber seria considerada objeto de estudo e

<sup>1</sup> FORNET-BETANCOURT, Raúl. Sobre el Concepto de Interculturalidad. México:coordinación General de Educación integral. 2004. p.51

<sup>2</sup> Convivência usada como oposição à tolerância.

todos seriam, na escola, sujeitos intérpretes e tradutores de si mesmos.

Educar para a interculturalidade supõe um compromisso com o descentramento, ou seja, uma postura dialogal. Isso exige uma libertação do que cada cultura tem de prepotência e de opressão, contagiando esperança para o mundo de hoje, ameaçado pelas políticas de dominação, que veiculam um pensamento único e excludente.

Nós, americanos do sul, somos, no dizer de Darcy Ribeiro, o ramo mais florido da civilização, resultado da fusão de etnias crioulas, indígenas, caboclas, sertanejas, caipiras.<sup>3</sup> Formas expressadas em culturas urbanas e camponesas constituídas, nos dias atuais, por migrantes, afro-americanos, indígenas, entre outras manifestações.

No entanto, nosso sistema educacional orienta o processo, que aspira a ser educativo, a uma postura pedagógica que não considera a constituição da população, como se nossas bases culturais fossem idênticas. Nessa medida, continua-se mantendo uma educação colonizadora. Necessita-se a prática de uma ação na qual, como sujeitos abertos a uma postura humanizadora, se cultive a inquietude do confronto com o distinto.

Regra geral, movimentamo-nos na prática pedagógica, dentro dos códigos da cultura dominante. Cultura na qual fomos educados e que, sem renunciá-la, necessita ser reavaliada, a fim de que tenhamos condições de enfrentar o desafio de promover um diálogo intercultural.

A proposta de uma educação para a interculturalidade coloca-se como um esforço para que esse diálogo comece a integrar-se no sistema educativo. Creio que isso só irá ocorrer à medida que as crianças e os jovens, a partir do testemunho dos adultos, comecem a se mover em um contexto de diversidade a partir do

estímulo a um diálogo intercultural, ou seja, em um espaço que privilegie o reconhecimento próprio e do outro.

Um aspecto importante a referir, quando falamos sobre interculturalidade, é o de termos presente que uma educação para a diversidade das culturas não significa cair-se em um relativismo cultural. A interculturalidade é uma aposta para a universalidade ética. Não renuncia a valores ou normas universais. Ao contrário, busca conteúdos universalizáveis, que permitam convergir para os princípios básicos que norteiam a vida humana. "O diálogo cultural deve ser um instrumento de mútua correção das culturas como processo de aprendizagem".<sup>4</sup> A interculturalidade não exclui a correção das culturas. Entende que não há inter-relação se não for redimensionada, rompendo seus limites no confronto com outras culturas, melhorando-se mutuamente no aspecto ético. (não fica muito claro, para o leitor, quem precisa ser redimensionada)

Uma educação intercultural não é um espaço onde somente são compartilhadas maneiras de pensar, senão um lugar em que se aprende a pensar de novo, ou seja, são revistos e reformulados os conceitos adquiridos que porventura tenham se convertido em impedimentos para ver a realidade.

Em conclusão, minha proposta coincide com a de Carlos Beorlegui: "educar para a interculturalidade supõe, ainda, o cuidado de não absolutizar o enfoque culturalista em detrimento da defesa de propostas libertadoras, solidárias, humanizadoras".

**Neusa Vaz e Silva**

Presidente da ASAFTI (Associação Sul Americana de Filosofia e Teologia Interculturais)

<sup>3</sup> RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

<sup>4</sup> FORNET-BETANCOURT, obra citada p. 46